



JOSÉ ELI DA VEIGA

Professor do Departamento de Economia da Universidade de São Paulo

MUNDO EM TRANSE

POR BRUNO BLECHER

Daqui a duas semanas, chega às livrarias *Mundo em transe*, o novo livro do professor José Eli da Veiga, de 60 anos, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP). Pesquisador associado do Capability and Sustainability Centre, da Universidade de Cambridge, colunista do jornal *Valor Econômico* e da revista *Página 22*, José Eli é um especialista em desenvolvimento sustentável, tema a que se dedica desde os anos de 1970, quando era considerado um lunático.

“Hoje, até grandes empresas como a Walmart e as usinas de cana-de-açúcar de São Paulo, que 20 anos atrás poluíam os rios com vinhoto e cortavam as matas ciliares estão preocupadas com as questões socioambientais”, diz Veiga.

Nesta entrevista à *Síntese Agropecuária*, o professor fala sobre os critérios de sustentabilidade e as perspectivas para o agronegócio neste século.



Síntese Agropecuária – Sustentabilidade virou uma espécie de palavra da moda. Tudo virou sustentável. O que é de fato sustentável? Qual é o critério?

José Eli da Veiga – Passei um tempo na Inglaterra estudando a questão socioambiental. Agora, em dezembro, vou lançar um livro, *Mundo em transe*, cujo subtítulo é *Do aquecimento global ao ecodesenvolvimento*. De certa forma, acho positiva essa busca pela sustentabilidade. Nesses projetos, o pessoal está procurando assumir sua responsabilidade socioambiental. Sustentabilidade não é uma coisa que possa ser avaliada num projeto só, não existe uma empresa sustentável. Se a empresa for responsável na área socioambiental, ela certamente estará contribuindo. A sustentabilidade é uma ideia que surgiu especificamente por causa da questão ambiental, depois é que veio esse modismo de que tudo tem de ser sustentável: político, econômico e social. O desenvolvimento é uma coisa social e não microeconômica. Não adianta apresentar um projetinho, dizendo que é sustentável porque não está causando nenhum tipo de impacto ambiental. Isso não quer dizer que seja sustentável, porque se estiver inserido numa sociedade não sustentável dá na mesma. Se uma empresa tem responsabilidade socioambiental, que é um código de ética, aí sim ela vai contribuir para que a sociedade venha a ser sustentável.

S.A. – O senhor poderia dar um exemplo prático? Hoje, quais são as empresas verdadeiramente sustentáveis no Brasil e no mundo?

J.E.V. – Existem muitas empresas que têm responsabilidade socioambiental, mas a maioria nem entrou na onda, pois são pequenas e médias e nem têm como pensar nesse assunto. Mas as grandes empresas, que estão muito expostas ao consumidor e ao mercado externo, não podem mais ignorar o assunto. Aconselho os livros de Roberto Smeraldi, *O novo manual de negócios sustentáveis*, da Publifolha, e *Experiências empresariais em sustentabilidade*, de Fernando Almeida, publicado pela Campus. Nesses livros, quem tiver interesse poderá conhecer os critérios. Aqui no Brasil, a empresa que está há mais tempo na área e faz uma coisa séria é a Natura, pois o grupo é mais consciente. É lógico que não posso pôr a mão no fogo, porque não fiz nenhuma auditoria para avaliar, mas me parece um trabalho sério. Há também um grande grupo multinacional, o Walmart, que está fazendo um grande trabalho. Eles foram grandes vilões no passado, mas deu um clique, a matriz mudou e eles se transformaram. Hoje, o trabalho do Walmart na área socioambiental é impressionante. Eles cuidam de tudo: da água, dos resíduos sólidos e influenciam muito os fornecedores e os próprios clientes. Na área de alimentação, temos também a Native Alimentos, que produz alimentos orgânicos. Estou para experimentar o azeite deles, que é novo. Consumo o café orgânico e o açúcar.

S.A. – Mas o pessoal do agronegócio costuma dizer que a agricultura orgânica não consegue alimentar o mundo.

J.E.V. – Isso é coisa do século

“Sustentabilidade não é uma coisa que possa ser avaliada num projeto só, não existe uma empresa sustentável. Se a empresa for responsável na área socioambiental, ela certamente estará contribuindo.”



“Mas é comum encontrar no interior de São Paulo empresas que estão tentando se modernizar, com responsabilidade socioambiental e que adotam práticas agrícolas menos nocivas ao meio ambiente.”

passado. Esse tipo de comentário denota estupidez e cinismo. Não está em pauta a questão de transformar toda a agricultura em orgânica. O mundo não vai continuar com essa população. Dizem que vamos chegar a 9 bilhões de habitantes até 2050, mas a tendência é, inicialmente, estabilizar, depois diminuir. A agricultura vai mudando paulatinamente. Há segmentos nos Estados Unidos que já são orgânicos. Quando a população começar a diminuir e houver redução dessa pressão sobre a demanda alimentar, todos vão querer optar pelo preço, em vez de quantidade. Algumas pessoas defendem que, quanto mais, melhor; mesmo que seja porcaria. Lembro que quando retornei ao Brasil, no começo dos anos de 1980, voltando do exílio, fui conhecer um canavial e vi que plantavam cana até dentro do rio, um absurdo. Disse isso a eles, mas me chamavam de lunático, de folclórico. O negócio era plantar tudo para aumentar o lucro. Agora, as usinas são as primeiras a preservar o ambiente e estão convencendo os agricultores, que continuam atrasados. As usinas estão recuperando as matas ciliares, oferecem as mudas e dão assistência técnica gratuita durante quatro anos, ensinando a proteger a nascente. As usinas estão à frente do processo. Por quê? Primeiro, porque sentiram no bolso. Elas sabem que não vão conseguir exportar açúcar se não tiverem certificação. Quem não proteger a mata ciliar e a nascente não vai ter certificação nunca. Além disso, houve uma pressão violenta do poder público, via fiscalização da Secretaria de Meio Ambiente e, principalmente, do

Ministério Público. Tem mais: a maioria das pessoas que dirigem essas usinas, atualmente, são jovens que passaram por universidade, fizeram Getulio Vargas ou USP, e no ambiente acadêmico foram confrontadas com esse debate. É diferente daquela época em que os dirigentes das usinas eram caras simples, que nunca tinha frequentado uma faculdade. Nos anos de 1970, uma pessoa que fizesse a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, a Esalq-USP, a última coisa que iria discutir era meio ambiente. Hoje não, quem que está dirigindo a usina tem cerca de 40 anos e já discutiu a Rio-92, dentre outros assuntos. Tudo isso mudou completamente o panorama. Não quero dizer que todas as usinas estejam assim; há algumas que continuam muito atrasadas, mas é relativamente comum encontrar no interior de São Paulo empresas que estão tentando se modernizar, com responsabilidade socioambiental e que adotam práticas agrícolas menos nocivas ao meio ambiente.

S.A. – Como o senhor avalia projetos como a moratória da soja, que uniu empresários do agronegócio e organizações ambientalistas como o Greenpeace?

J.E.V. – A ideia é muito boa, mas eles não conseguiram manter todo mundo; uma parte dos produtores saiu.

S.A. – Agora tem de partir para a moratória da carne?

J.E.V. – A carne é um setor que está indo razoavelmente bem. O que me surpreendeu, depois que o Greenpeace fez o estudo sobre

o desmatamento na Amazônia por causa da pecuária, foi a rapidez com que os supermercados agiram, enquadrando os pecuaristas e os frigoríficos, exigindo rastreabilidade e comprovação da origem.


S.A. – A agricultura tem uma série de tecnologias que podem contribuir para a redução de emissão de gases de efeito estufa, como o plantio direto e a integração lavoura-pecuária.

J.E.V. – Cheguei da França em 1979 falando de integração lavoura-pecuária. Existe um livro que todos que acompanham o agronegócio deveriam ler: *História das agriculturas do mundo*, de Marcel Mazoyer e Laurence Roudart. É um livro obrigatório que mostra a importância da integração lavoura-pecuária no processo completo, principalmente no fenômeno europeu que precedeu a Revolução Industrial. Não haveria a Revolução Industrial sem a chamada Revolução Agrícola: a fusão da pecuária com a lavoura. Isso ocorreu na Europa, a partir do século 17. Era um processo histórico. A evolução da agricultura em países tropicais foi diferente e a integração lavoura-pecuária despontou agora como uma tecnologia, um projeto. Os agrônomos foram formados para pensar os produtos separadamente. Na verdade, as grandes agriculturas, as que são mais eficientes, em geral são uma fusão entre agricultura e pecuária, como na própria agricultura os sistemas são consorciados, raramente existe um sistema de monocultura num país.

S.A. – Qual é a sua opinião sobre os alimentos transgênicos?

J.E.V. – Organizei um livro sobre isso, publicado pela Editora Senac chamado *Transgênicos – sementes da discórdia*. Basicamente, sou contra qualquer posição principista, do tipo Brasil livre dos transgênicos, mas também sou contra as pessoas que tentam minimizar as incertezas e os riscos. Defendo uma posição de caso a caso, com muita pesquisa. Há pesquisas que são exigidas pelo órgão regulamentador, no caso a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), e não vejo nenhum problema de as empresas tocarem essas pesquisas, desde que seja com um protocolo claro e aberto e com algum tipo de auditoria. Se tivermos os protocolos bem estabelecidos e um sistema capaz de avaliar, não importa quem está fazendo as pesquisas.

S.A. – A CTNBio está funcionando bem?

J.E.V. – A CTNBio está péssima, foi muito mal regulamentada desde o início. Toda essa legislação e esse processo, no Brasil, não podiam acontecer, porque a pior coisa é indecisão e ter maiorias eventuais de um lado e de outro para vetar ou aprovar as coisas na marra. O mais surpreendente na discussão dos transgênicos é que há um estudo da Embrapa que comprova que os grãos transgênicos não são rentáveis. Por sorte, o Brasil é grande e pode ter vários tipos de cultivos, inclusive uma zona totalmente livre e uma área só para os transgênicos. 

“Sou contra qualquer posição principista, do tipo Brasil livre dos transgênicos, mas também sou contra as pessoas que tentam minimizar as incertezas e os riscos.

Entrevista concedida em 11/11/2009

BRUNO BLECHER É JORNALISTA